

Mário de Andrade e o sequestro da sexualidade

Mário de Andrade and The Kidnapping of Sexuality

Wagner de Avila Quevedo

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Paracambi | RJ | BR

Universität Erfurt (UNI-ERFURT) | Erfurt | DE

Bolsista da Fundação Alexander von

Humboldt em cooperação com a CAPES

(2023-2024)

wagner.quevedo@ifrj.edu.br

<http://orcid.org/0000-0002-9327-6318>

Resumo: Passadas muitas décadas de sigilo, a *Controladoria Geral da União* autorizou, em 2005, a abertura de uma carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, na qual o autor aborda sua homossexualidade. A recepção foi da expectativa com o tema (Silviano Santiago), passando pela recalcitrância institucional (*Casa de Rui Barbosa*) até a relativização da questão (José Miguel Wisnik). Desde então, o erotismo em Mário de Andrade tem saído da zona cinzenta do silenciamento e recebido maior apreço, como atesta a edição de *Seleção erótica de Mário de Andrade* (2022), organizada por Eliane Robert Moraes. Sustentado pela teoria queer, o presente texto procura problematizar a recepção da carta, trabalhando com a hipótese de que a sexualidade em Mário de Andrade foi “sequestrada” pela esfera pública – no sentido técnico que o autor empresta ao termo. Inicia pela exposição da homofobia manifesta nos contemporâneos de Mário; aborda diretamente a carta e o contexto de sua recepção; propõe uma leitura de *Girassol da Madrugada* como estratégia poética de enunciação da sexualidade; e finaliza com a formulação da questão do sequestro a partir de um discurso de Paul B. Preciado para uma sociedade de psicanalistas.

Palavras-chave: Mário de Andrade; sexualidade; silenciamento; teoria queer.

Abstract: After decades of secrecy, in 2005, the *Comptroller General of Brazil* authorized the opening of a letter from Mário de Andrade to Manuel Bandeira, in which the author discusses his homosexuality. The reception ranged from expectations on the theme (Silviano Santiago), through institutional reluctance (*Casa de Rui Barbosa*), to the relativization of the issue (José Miguel Wisnik). Since then, eroticism in Mário de Andrade has emerged from the gray zone of silence and gained greater appreciation, as evidenced by the edition of *Seleção Erótica de Mário de Andrade* (2022), organized by Eliane Robert Moraes. Supported by queer theory, this text seeks to problematize the reception of the letter, working with the hypothesis that sexuality in Mário de Andrade was “kidnapped” by the public sphere – in the technical sense that the author lends to the



term. It begins by exposing the manifest homophobia in Mário's contemporaries; it directly addresses the letter and its reception context; it proposes furthermore a reading of Mário's poem *Girassol da Madrugada* as a poetic strategy for enunciating sexuality; and concludes by formulating the issue of "kidnapping" based on a discourse held by Paul B. Preciado for a society of psychoanalysts.

Keywords: Mário de Andrade; sexuality; silencing; queer theory.

1 Sobre críticos e touradas

Em 1938, a revista carioca *Diretrizes* publicou o artigo *Mário de Andrade e os rapazes*. O redator anônimo tentava equacionar a tensão entre as críticas de Mário de Andrade à falta de técnica de jovens escritores e a frustração com uma postura menos rebelde do autor de *Macunaíma* (1928) na década de 1930. Ao reclamar para o mestre modernista o protagonismo na luta cultural, o texto estabelece uma comparação: "Não se quer um Mário de Andrade – touro Ferdinando. O que se quer é um Mário de Andrade – Macunaíma" (*apud* Moraes, 2002, p. 151).

Bem recebida pela *Revista de Antropofagia*, a saga do herói sem caráter representava, entre outras coisas, ataque ao cristianismo e ao colonialismo europeu (Vergara, 2015, p. 101). Além disso, *Macunaíma* punha em cena uma personagem arrojada que, no imaginário brasileiro, sintetizava o "símbolo das peripécias sensualizadas" (Moraes, 2002, p. 151-152). O des-pudor, porém, contrastava com a atuação pública mais contida de Mário, atacada por ser, supostamente, passiva e afeminada. A apreciação positiva de *Macunaíma* constituía o reverso das piadas contra seu autor: ressentiam-se os críticos por entender que Mário tomava distância do projeto modernista ao se aproximar de Olavo Bilac e de Vicente de Carvalho, ao considerar favoravelmente autores menores e mesmo católicos, ao se colocar na posição de mestre de autores iniciantes e, sobretudo, ao reivindicar para si a imagem de líder (Vergara, 2015, p. 99). Curiosamente, uma década mais tarde, é dessa imagem que a crítica sente falta quando deixa escapar sua taurofobia.

Mais conhecidos são os insultos da *Revista de Antropofagia* dirigidos a Mário de Andrade no ano de 1929: "Boneca de Piche", "Miss Macunaíma", "Miss São Paulo", "Dona Maria", "a mais genuína representante da antropofagia feminina do Brasil" (*apud* Vergara, 2018, p. 51) – como também a afirmação de Oswald de Andrade de que Mário era "muito parecido pelas costas com Oscar Wilde" (Andrade, 1990, p. 124). Artigo anônimo da também carioca *Dom Casmurro* (1939) protesta contra a concepção de crítica que Mário defende como "nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática"; repete o expediente da década anterior, ao chamá-lo de "sub-Wilde mestiço", e o acusa de covardia e de uma "volta desesperada à torre de marfim" por fazer exigências meramente formais aos novos autores (*apud* Moraes, 2002, p. 151-152). Termina com uma cobrança bastante instrutiva sobre a mentalidade daquela crítica: "um sujeito da importância e da projeção desse escritor não tinha direito a essa atitude" (*apud* Moraes, 2002, p. 152).

A não ser pelo que sua aparência e esperada (ou exigida) brutalidade provocam nos outros à revelia de sua vontade, o touro Ferdinando jamais foi temível. Baseado no livro infan-

til *The Story of Ferdinand* (1936) de Munro Leaf, o curta-metragem de animação *Ferdinando, o touro* (1938), produzido por Walt Disney, conta a história de um novilho dócil e delicado que, diferentemente dos outros bezerros correndo às cabeçadas, gostava de passar os dias sozinho à sombra das árvores, cheirando flores. Ferdinando cresce e se torna um touro grande e forte, mas dócil. Todos os touros queriam ferozmente participar das touradas em Madri, mas não Ferdinando. Aparecem homens em busca do maior e mais forte touro para lutar em uma tourada, os touros correm e lutam bravamente para impressioná-los. Como Ferdinando não se importava, segue ao lugar favorito para descansar e cheirar as flores. Sem perceber, senta-se em uma abelha: a dor da ferroada o faz disparar veloz, bufar e atropelar tudo pela frente, destruindo muros e árvores. Os homens se encantam com sua força bruta e o levam para Madri. Na praça de touros, entra o matador. Em seguida, abrem-se as portas para Ferdinando, a “fera”, e todos, inclusive o matador, paralisam de medo. Além da muleta, o toureiro segura um ramalhete de flores. Quando Ferdinando as vê, corre para o centro da arena, todos se apavoram com a carreira, inclusive o toureiro que deixa cair as flores e foge. Ferdinando senta calmamente e as cheira. Irado, o matador vai até Ferdinando e o provoca: “Vamos! Lute! O que há com você? Seja feroz!” Ferdinando não reage, apenas cheira as flores. O matador segue furioso, quebra a espada, arranca os próprios cabelos, implora a Ferdinando: “Por favor! Faça alguma coisa! Ataque-me! Venha contra mim!” – e abre o peito tatuado com uma margarida. O touro lambe deliciosamente o peito do matador, que chora de raiva. Depois disso, levam o “feroz” Ferdinando para casa: “Até onde sabemos”, diz o narrador, “ele ainda está lá sentado, debaixo do seu sobreiro favorito, cheirando as flores, quietinho. E ele é muito feliz!” (Rickard, 1938)¹ Na recente versão em longa-metragem da *Blue Sky Studios*, Ferdinando diz ao cão, seu amigo: “Paco! Eles acham que *eu* sou a fera!” (Saldanha, 2017)

O crítico anônimo de *Diretrizes* seguramente não capta o que pode anunciar de relance a defasagem entre os anseios históricos do toureiro pela demonstração de virilidade (sua e do touro), e a calma de Ferdinando. A felicidade de Ferdinando é convertida em feminilidade, inversão, ao gosto dos “homens” de ontem e de hoje. Um amigo escreve para Mário em agosto de 1939: “Não vi o filme, mas soube que o touro é veado na fita” (Moraes, 2002, p. 152). Talvez interesse perguntar o que diz *Mário de Andrade e os rapazes* quando tem por alvo o Mário que supostamente alicia os moços e se descola da via aberta como “rebelado” da Semana de 22, embora mire sua sexualidade? Exige o que o matador quer de Ferdinando? “Seja feroz!”, “Seja Macunaíma!”, “Seja homem!” Há em Mário algo da dimensão monstruosa de um touro dócil que os críticos querem agarrar à unha, mas não conseguem porque a brutalidade é o pressuposto, e sua falta, o fracasso? Talvez a demanda por uma coerência seja justamente o constitutivo cruel das injunções discursivas que rechaçam a dissidência de um sujeito que até se ressentia da virulência dos chistes grosseiros, como aconteceu na ruptura com Oswald, mas que responde às críticas desde o plano de uma tarefa difícil que, passados os intensos anos 1920, significava lidar com a própria rebeldia justamente do ponto de vista do aprimoramento das formas – tarefa que via bem resolvida na *sabença* de Tarsila do Amaral (Santiago, 2013, p. 90-91). Mas é razoável crer que isso tudo parecesse purismo a uma geração de sujeitos masculinos que não conseguem formular uma única crítica sem arrastar insidiosamente a sexualidade.

Desde muito cedo, os ataques homofóbicos a Mário de Andrade discrepam de sua docilidade taurina, temperada com uma preferência pelas flores ao florete. A reação desar-

¹ Disponível em https://youtu.be/9cdeDgb_XOY?si=O8NKNSsPy1aU2hJN

mada, como se sabe, converte-se em ironia. Em carta de 30 de maio de 1923 a Sérgio Milliet, ele comenta sobre um crítico anônimo:

chamou-me duma porção de ‘cretinos’, ‘cabotinos’, a lenga-lenga habitual e terminava dizendo-me pederasta! Já sabia da reputação. Não me surpreendeu. Será a celebridade que se aproxima? Eis-me elevado à turva e apetitosa dúvida que doira a reputação de Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, Miguel Anjo, Da Vinci... (apud Duarte, 2022, p. 421)

O chiste ligeiro contrasta com a violência manifesta da *Revista de Antropofagia*, como se o touro lambesse o peito do matador que implora o combate. Mas a ironia não diminui o clima hostil que forçava Mário ao recato. Seu *exílio* na Lapa carioca, no final dos anos 1930, aparentemente não significou uma maior liberdade sexual do que em São Paulo (Green, 2019, p. 158), embora relate-se que ele teria dito não existir “música mais bonita do que o ruído do cinto de um fuzileiro naval batendo na cadeira de um quarto de hotel da praça Mauá” (Trevisan, 2018, p. 248). Se olharmos a obra, porém, é possível considerar a prosa de *Frederico Paciência* (escrito em 1924 e publicado postumamente em 1947) como expressão de uma ambivalência sentida pelo próprio Mário, pois o alívio do protagonista com a dissolução da amizade com Frederico Paciência sugere, por um lado, uma saída melancólica em que é mais fácil reprimir a sexualidade do que manifestar abertamente seus desejos (Green, 2019, p. 298). O protagonista Juca se “obrigava a uma elevação constante de pensamento” diante das confissões de Frederico Paciência “maravilhoso, sujo do futebol, suado, corado, derramando vida” (Andrade, 2017, p. 95-96). Uma elevação que, por outro lado, arrefece o corpo e redundando em superioridade irônica, sublimada, fingida – uma mentira sádica que faz do brutalmente ingênuo Frederico Paciência um brinquedo nas mãos cinicamente habilidosas de Juca:

Acabei mentindo duma vez. Veio aquele prazer de me transportar para dentro do romance, e tudo foi se realizando de bom senso discreto, pra que a mentira não transparecesse, e onde a coisa mais bonita era minha alma” – alma “que precisei me dar, pra que pudéssemos nos amar com franqueza. (Andrade, 2017, p. 97)

Entre os poemas nos quais o homoerotismo transparece, ora mais, ora menos velado, *Cabo Machado*, incluído em *Losango Cáqui* (1924), captura engenhosamente a investida posterior de Oswald, que se vale do pseudônimo Cabo Machado, no artigo *Os três sargentos*, para atacar Mário (Vergara, 2015, p. 116). Diz o poema que “Cabo Machado é delicado, gentil. / Educação francesa measureira. / Cabo Machado é doce que nem mel / E polido que nem manga-rosa. / Mas traz unhas bem tratadas / Mãos transparentes frias, / Não rejeita o bom-tom do pó-de-arroz” (Andrade, 2005, p. 144). Destoa, entretanto, o comentário de Oswald Costa (sob o pseudônimo Tamandaré), ao mesmo tempo que seu tom herético ergue, em 1929, aquela exigência que retornará em *Mário e os rapazes* (1938): “Não gostei, porém, das amarguras que Mario pôz no seu mingau. Mingau não queremos, Mario. Queremos amor. Aquele amor gostosíssimo que voce botou nas estrofes de *Cabo Machado*. Mas sem o incenso do côro de Santa Efigenia. Com a pimenta de *Macunaíma*, com que você queimou os beiços gulosos da Santa Madre Igreja” (apud Vergara, 2015, p. 102).

2 Uma carta

Os críticos ansiavam ardentemente por *Macunaíma* e desprezavam o amável *Ferdinando*; em seguida, na constituição de um cânone operado por marcadores socialmente bem-informados do ponto de vista do gênero e da sexualidade, isolou-se a performance afeminada de Mário de seu papel de maior escritor modernista do Brasil, para o qual espera-se um “homem” – especialmente quando é erguida uma pretensão de indiferença pela “vida privada” na qual a sexualidade é sepultada. Isso não ocorreu sem efeitos para o que Silviano Santiago chamaria de “conspiração de pudor” a envelopar sua correspondência. Uma parte do epistolário ficou lacrada por cláusula testamentária, autorizada a abertura somente cinquenta anos após a morte do autor. Mesmo depois de aberta, vinculou-se a publicização à permissão expressa dos familiares. Entre os documentos retidos, havia rumores de existir uma carta em que Mário supostamente confessava a Manuel Bandeira seus casos amorosos. A edição de parte proibida da correspondência com Bandeira pela *Edusp* (2001) não trazia a tal carta misteriosa.

Em junho de 2015, a *Controladoria Geral da União* acolheu pedido de Marcelo Bortoloti para que a *Fundação Casa de Rui Barbosa* disponibilizasse a íntegra da carta, datada de 07 de abril de 1928, com o trecho tão esperado:

Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto. Mas em que podia ajuntar em grandeza ou milhória pra nós ambos, pra você, ou pra mim, comentarmos e elucidar você sobre a minha tão falada (pelos outros) homossexualidade? Em nada. Valia de alguma coisa eu mostrar o muito de exa-gero que há nessas contínuas conversas sociais? (Andrade, 1928, p. 3)

A imprensa justapôs à revelação algumas “divergências com Oswald de Andrade” e enfatizou as reservas de Mário, de sua família e da *Casa de Rui Barbosa*, presidida à época por Lia Calabre, que assim interpretou o teor da carta: “é um questionamento atual da invasão de privacidade e da necessidade de se justificar a cada passo que se dá” (*apud* Boeckel, 2015, n.p.). Ao citar o trecho liberado, a reportagem omite a primeira frase em que Mário diz não desmentir o falatório e inicia pelo questionamento da utilidade do assunto. Parece não valer a pena desmentir, simplesmente porque não há o que desmentir. A omissão induz a equívoco quando reforça a interdição do discurso pela afirmação de que Mário apenas “cita ‘tão falada homossexualidade’ em carta proibida” – como se fosse para evitar ouvir diretamente de sua boca: “você sabe que não desminto o que se fala” – ao mesmo tempo que a ideia de proibição discursiva medeia um erotismo pecaminoso. A frase completa é reproduzida por Bortoloti (2015), na *Revista Época*.

Mário protesta contra a exploração de sua vida: “em toda vida tem duas vidas, a social e a particular, na particular isso só interessa a mim e na social você não conseguia evitar a socialização absolutamente desprezível duma verdade inicial” (Andrade, 1928, p. 3). A revelação discreta não é motivada por recalque: “os sequestros num caso como êste onde o físico que é burro e nunca se esconde entra em linha de conta como argumento decisivo, os sequestros são impossíveis” (Andrade, 1928, p. 4).² O “físico burro” de Mário é possivelmente o signo

² “Sequestro” é a tradução que Mário faz da palavra *refoulement* (repressão ou recalque), retirada de uma tradução francesa dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud. Cf. nota xv da transcrição de Jorge Vergara (Andrade, 1928, p. 7-8). Cf. também Moraes (2022, p. 46).

evidente que impede o recalque, e ele o sabe ao formular com uma clareza e “sinceridade absoluta” que o incontornável de sua posição só encontra algum reparo na separação entre vida pública e privada. Sobre esta última, ele acrescenta:

Mas si agora toco neste assunto em que me porto com absoluta e elegante discrição social, tão absoluta que sou incapaz de convidar um companheiro daqui, a sair sozinho comigo na rua (veja como eu tenho a minha vida mais regulada que máquina de precisão) e si saio com alguém é porque esse alguém me convida, si toco no assunto é porque se poderia tirar dele um argumento pra explicar minhas amizades platônicas, só minhas. (Andrade, 1928, p. 4)

O assunto é tocado de uma maneira em que se percebe o quanto ele exige, além de privacidade (e um amigo como Bandeira), uma “vida mais regulada” do que uma máquina – qualquer que fosse em 1928, mas uma tal que afere precisamente os seus números e resultados. Ora, essa vida segue regulada pelo silenciamento da questão da sexualidade de Mário nos discursos, sobretudo no fechamento de sua correspondência – e 2015, com a provocação oficial de Bortoloti, é um sintoma disso. Nesta carta a Bandeira, como no caso *Cabo Machado* com Oswald, mais uma vez Mário como que antecipa as linhas de recepção do incômodo gerado pela sua dissidência enquanto corpo inscrito num regime de normatização do gênero e da sexualidade. O argumento da cisão da vida em pública e privada encontra eco no ano de 2015, e a pergunta a respeito do autor e da pessoa parece ser a questão a respeito de qual Mário é permitido falar. Pressupõe que o inarticulado da sexualidade pode dizer “do” Mário (sujeito privado evocado pelo prenome na forma coloquialmente íntima), mas não “de” Mário de Andrade (sujeito público associado à função de autoria); nós, seus leitores, estamos privados de uma sexualidade como tema que, aliás, por não interessar *publicamente*, nada diz do autor – embora dela muito se falasse *publicamente* e, agora sabemos, sem que o Mário quisesse desmentir. Na contramão dessa via, Silviano Santiago:

A carta era um documento praticamente mítico. Não há novidade, porque a questão era sabida, meio consensual, mas sua não-revelação atrapalhava a compreensão da obra de Mário de Andrade e de sua figura intelectual. Agora há um extenso trabalho pela frente, que é tratar daquela que eu julgo ser a grande questão libertária do novo milênio: a sexualidade. A grande questão a ser estudada hoje, em Mário, é essa. [...] Acho que houve uma *conspiração do pudor* em não revelar a íntegra da carta [...]. (*apud* Ritto, 2015, n.p., grifo próprio)

Mas não há conspiração sem o desvio do assunto principal a respeito da correspondência de Mário de Andrade, homenageado na *Festa Literária Internacional de Paraty*, a FLIP, de 2015. Na conferência de encerramento, José Miguel Wisnik analisou a carta “sequestrada” como “um comentário sobre a vida sexual em tempos de miséria, nos quais a pessoa não pode ser nada senão o que já foi formatado” (*apud* Meireles, 2015, n.p.). O conferencista considerava que “o segredo do mulato é mais importante do que o segredo do gay. E ele está ligado a duas figuras centrais da cultura brasileira, Mário de Andrade e Machado de Assis” (*apud* Meireles, 2015, n.p.). Wisnik apresenta as razões para privilegiar uma análise pelo viés racial. A família de Mário surge de um casamento improvável entre um homem da elite (governador de Goiás) e uma mulher negra, filha de lavadeira. O casamento

se dá cercado desses tabus brasileiros, como a mestiçagem, e a família de Mário estampa, antes de ele nascer, este segredo brasileiro. [...] Na família, Mário é a figura que traz à tona tudo que não está expresso. Ele é mulato, feio, grande, de rosto comprido. E ao mesmo tempo estranho, amalucado para os padrões familiares. Como se tudo que a família cala viesse à tona. (*apud* Meireles, 2015, n.p.)

Marcadores sociais de raça e sexualidade são convertidos por Wisnik em “segredos”. Mas todos sabem que a racialidade não é filha mais ou menos predileta dos segredos de família: além das questões de gênero, há a sexualidade trancafiada, asfixiada nos arquivos. Para situar a alegada estratificação dos “segredos”, cabe lembrar que o silenciamento da sexualidade sempre esteve na linha de frente das análises ensaísticas volatilizadas que jamais poderiam conceber a concretude de uma análise interseccional para além de modismo, embora hoje experimentem a preciosa ferramenta sistematizada por Kimberle Crenshaw e Patricia Hill Collins. O cânone, ainda assim, parece ser a inelutável disputa de uma certa crítica literária, como sua tábua de salvação. Com a mão nela, tão frágil diante das vastas derivas, é que se construiu a imagem do autor do modernismo brasileiro. Para considerar a coisa de modo generoso, a contraparte disso também transparece na enviesada economia categorial de Wisnik: o “mulato” e o “gay”. É inegável que a negritude de Machado e de Mário figure como marcador central de análise, também em função de seu silenciamento; em perspectiva interseccional, porém, tal coisa paradoxalmente torna mais relevante a sexualidade, sobre a qual, embora falada, repousa o que Jonathan Silin, Eve Sedgwick e Shoshana Felman definiam, lá nos anos 1990, como “nossa paixão pela ignorância: o desejo de não saber aquilo que já sabemos, o trabalho apaixonado da negação e da denegação” (*apud* Britzman, 2019, p. 90). Wisnik encaminha a questão da seguinte forma:

O que Mário está dizendo é que, se isso é assumido publicamente, naquele momento não pode virar nada além de fofoca. Porque, na verdade, a vida sexual é um enigma. Em algum lugar, Lacan diz que ninguém sabe a vida sexual de ninguém, o resto é fofoca. O sexo é esse impenetrável, esse irreduzível. (*apud* Meireles, 2015, n.p.)

Vale a pena demorar um pouco mais nas ovacionadas palavras do ensaísta:

Ele [Mário] está dizendo: o meu corpo diz a minha pansexualidade irreduzível. O meu corpo diz a minha sexualidade monstruosa. E sobre isto eu nada poderia fazer, mesmo que equacione todos os aspectos, de modo a lidar com isso. Essa carta revela o inesperado, porque não revela episódios e anedotas, mas o essencial. (*apud* Meireles, 2015, n.p.)

Mas o inesperado essencial também se abre à curiosidade,³ e ele é precisamente a articulação desse “impenetrável” do sexo na linguagem ou do que “permanece inarticulado na sexualidade” (Butler, 2022, p. 149). Pois, se raça e gênero podem ser evidentes, a sexualidade é questionavelmente atribuída a partir de performance corporal e de “fofocas” – então precisa ou pode ser enunciada. Mário *confessa* ao sensível amigo Manuel Bandeira, ele *enuncia* aquilo que se depreendeu socialmente e de que também sabemos por meio da brutalidade

³ Vale lembrar a “advertência” de *Losango Cáqui* (1924): “Eis o que é, o que imagino será toda minha obra: uma curiosidade em via de satisfação” (Andrade, 2005, p. 121).

dos críticos, edulcorada por exigências programáticas ao autor. Mas o esperado da carta no registro da fofoca talvez fosse, aponta Wisnik, a revelação de quem seria o “amor homoeérico tão bem expresso” no poema *O Girassol da Madrugada* (1931). Como não se trata de reduzir a problemática a saber a identidade de R.G. a quem o poema é dedicado, a carta sequestrada deve frustrar – mas talvez seja necessário levar a fofoca a sério. A articulação da dedicatória com a carta e o teor do poema exigem colocar em primeiro plano a sexualidade como aquilo que abre questão em Mário de Andrade.

3 Um poema

A aguardada confissão de Mário deixa uma fresta para arejar sua poética abafada por sobreposições de uma canonização literária. Em sua *poiésis*, divisamos o borramento das fronteiras entre sexualidade e análise literária. A leitura de Leandro Pasini fornece alguns elementos para essa articulação. O intérprete analisa *O Girassol da Madrugada* no registro de um “amor realizado” (Pasini, 2011, pp. 141-161), o que é tanto mais instigante em face dos amores passados em revista, na parte V do poema, e identificáveis na obra de Mário: *Losango cáqui*, *Poemas da Negra* e *Tempo da Maria*. O primeiro amor, a “moça donzela”, é ofuscado por “afetos” de “exercícios militares” e pelo Cabo Machado (“Ela devia estar aqui / Com os seus cabelos... / Com o seu ‘bom-dia’... / Com a sua vaidade. / Com as suas mãos lentas”) num tempo presente de “Broadway de gigolôs, boxistas e pansexualidade” (Andrade, 2005, p. 137, p. 140-141, p. 155, p. 157); o segundo intercala momentos de “físico amor” e “silêncio (dos mangues / nosso)” (Andrade, 2005, p. 247-252); o terceiro é o amor impossível por uma mulher casada e virtuosa (“Te amo!... Que bonita que ela é!... / Infelizmente / O meu caso não tem futuro, / Ai, Maria do perfil duro,” Andrade, 2005, p. 230); finalmente o quarto é o destinatário de uma relação secreta. *Girassol da Madrugada* é composto por uma solidão suave:

De uma cantante alegria onde riem-se as alvas uiaras
Te olho como se deve olhar, contemplação,
E a lâmina que a luz tauria de indolências
É toda esplendor de ti, riso escolhido no céu. (versos 1-4)

Assim. Que jamais um pudor te humanize. É feliz
Deixar que o meu olhar te conceda o que é teu,
Carne que é flor de girassol! sombra de anil!
Eu encontro em mim mesmo uma espécie de abril
Em que se espalha o teu sinal, suave, perpetuamente. (versos 5-9)
(Andrade, 2005, p. 337-341)

O poeta olha para o amor contemplado desde o alegre riso musical das uiaras (mães-d’água e sereias), o amor-riso escolhido no céu que resplandece na lâmina incrustada, douradamente enfeitada (tauxiada) de indolências. Nesse olhar que concede o que é do amor-carne (flor de girassol), há um protesto contra o pudor humanizante que não deixa o amor exposto ao olhar que encontra em si os sinais suaves e espalhados desse sentimento. Há um jogo de olhar, de desnudamento luminoso que acontece na madrugada. O poema almeja por uma ampliação do processo no tempo (“perpetuamente”, v.9), cuja dinâmica é de uma “série de espelhamentos e indiferenciações, de finas implicações poéticas e sexuais” (Pasini, 2011, p.

152). Dessa indistinção resultaria uma realização amorosa que teria o ápice não no gozo do corpo, mas no “espelhamento das almas” (Pasini, 2011, p. 153):

porquanto o caminho foi longo,
Abrindo o nosso passo através dos espelhos maduros. (versos 12-13)

Há, nesse caminho, uma recusa dos “gestos traiçoeiros” (v.10) do amor como luta, em favor da paz de uma rarefação em que o corpo amado se desfaz e silencia:

Você não diz, porém o vosso corpo está delindo no ar, (verso 14)

A “sublimação incorpórea” (Pasini, 2011, p. 154) junto ao silêncio (“você não diz”) do corpo “delindo” (de *delir*, dissolver, desaparecer, extinguir-se) é a cena adequada ao olhar “como se deve” (v. 2), sem que a palavra pese na caminhada para o belo desfazimento que conjuga a violência do ato e a leveza atenuada pelo som do gerúndio “de-lindo”. Apesar da ascensão leve, algo ainda pesa para o poeta que não abandonará “jamais de-noite as [tuas] carícias” (v. 29), que será assaltado com seu amor pelas “malícias da poeira / Em que o sol charpeará torvelins uniformes” (v. 31-32). O que pesa à noite é a própria “Divindade” que “muito naturalmente virá. /Agressiva Ela virá sentar em nosso teto, / E seus monstruosos pés pesarão sobre nossas cabeças, De-noite, sobre nossas cabeças inutilizadas pelo amor” (Andrade, 2005, p. 340). Os entrecruzamentos entre polimorfia e maturação ecoam a enunciação de uma panssexualidade que Mário assume para si como uma “assombrosa, quase absurda, o Paulo Prado já chamou de ‘monstruosa’ sensualidade” (*apud* Pasini, 2011, p. 156),⁴ e ela encontra expressão em *Girassol da Madrugada*, precisamente no tratamento formal da linguagem que dissolve o peso das injunções discursivas que constroem o autor.

A dessexualização no espelhamento das almas desencadeia, no poema, o processo em que a relevância da sexualidade de Mário confronta o enquadramento negativo da questão em público. A cisão da vida em duas (social e particular) encontra sobrevida no episódio recente da carta porque o modo conservador de encarar a articulação pública da sexualidade envelheceu mal. Como se dissessem: não é a vontade de Mário, não é da nossa conta! Ao que reage a voz da dissidência: o que é da nossa conta não se pode obnubilar pela captura de uma suposta vontade do autor; a questão não pode ser “sequestrada”. Cabe desfazer o enquadramento que divide Mário em dois, afinal seu manejo poético é a prova de que não foi sem consequências a exploração homofóbica de sua vida, que é o lugar comum concreto de que somos herdeiros enquanto sujeitos *queer* localizados.

Em *Girassol da Madrugada*, há uma imagem que nos leva ao sentido de uma articulação linguageira do “impenetrável do sexo”:

Os trens-de-ferro estão longe, as florestas e as bonitas cidades,
Não há senão Narciso entre nós dois, lagoa,
Já se perdeu saciado o desperdício das uíaras,
Há só meu êxtase pousando devagar sobre você. (versos 48-51)

⁴ Carta a Oneyda Alvarenga, de 14 de setembro de 1940.

Ôh que pureza sem impaciência nos calma
Numa fragrância imaterial, enquanto os dois corpos se agradam,
Impossíveis que nem a morte e os bons princípios.
Que silêncio caiu sobre a vossa paisagem de excesso dourado!
Nem beijo, nem brisa... Só, no antro da noite, a insônia apaixonada
Em que a paz interior brinca de ser tristeza. (versos 52-57)

Os amantes estão isolados de tudo que os pudesse sujeitar (trens, florestas, cidades); entre ambos (o eu e a lagoa) há apenas Narciso e a identificação do olhar (ver-a-si-mesmo) no outro, também sem o risco da sujeição ao passado (“já se perdeu o desperdício das uíaras”, v.50), num transporte para fora de si (“êxtase”, v.51) que pausa devagar sobre o outro; e como o transportado é absorvido num olhar que afasta o sensível e se aproxima vagarosamente do amado, a imagem de Narciso não se torna disforme pelo toque da superfície da água, porque o êxtase é uma “fragrância imaterial” simultânea aos “corpos” que “se agradam” (v.53). Há uma melancolia fingida (paz que brinca de tristeza), pois o êxtase rarefeito paira “perpetuamente” (v.9) sobre si mesmo, como Narciso sobre o reflexo.

Não é difícil perceber uma prática *queer* autoconsciente a respeito do que Mário não “sequestra” de seu “físico burro”. O impenetrável inarticulado da sexualidade transposto à linguagem poética está no dizer silencioso, na força suave de um olhar que não devora e nem penetra seu objeto de amor, e naquilo que “o poema busca exprimir com palavras” e “que se alcança pelo silêncio” (Pasini, 2011, p. 159). A confissão tardiamente revelada de Mário a Bandeira fura a bolha de pudor e resgata uma verdade sobre o que não podia falar, ao mesmo tempo que sua poesia também conspira, mas em favor da sensualidade monstruosa com a qual nos seduz à luz das carícias dos amantes na madrugada. As duas coisas se encontram maravilhosamente no tempo em que a sexualidade emerge liberada como a grande questão de Mário de Andrade, o poeta itinerante (Candido, 1990) com a corporeidade que flana na *Louvação da Tarde*, o “pé esquecido no acelerador” ao “doce respirar do forde” (Andrade, 2005, p. 237), enquanto seus matadores orgulhosamente feridos se retiram da arena.

4 Sobre o que faz uma questão sequestrada

Embora “a vida sexual em tempos de miséria” e o enquadramento no “que já foi formado” pareçam traduzir não apenas os anos 1920 e 1930 brasileiros, como também a atmosfera de mal-estar com a questão em 2015, tais coisas figuram como microssintomas no quadro geral da diferença sexual enquanto epistemologia política do corpo. Mas talvez o ponto revele mais o estado de miséria das questões discursivamente autorizadas diante da performance corporal de Mário, como aquilo que desestabiliza os esquemas dominantes de inteligibilidade cultural.⁵ Quando Paul B. Preciado proferiu um discurso na Escola da Causa Freudiana, em 2019, a reação foi do silêncio, passando por palmas e vaias, rompendo invariavelmente em riso desconfortável frente à nada miserável questão sobre se ali haveria algum ou alguma

⁵ A pesquisa recente de Mário de Andrade corrobora a existência de um tabu (masculino, sem dúvida) a respeito do lugar que o sexo ocupa em sua obra (Orlandi, 2022; Moraes, 2022). Não por acaso, o trabalho que resultou no volume *Seleção erótica de Mário de Andrade* (2022) foi realizado por três mulheres: Eliane Robert Moraes, Aline Novais de Almeida e Marina Damasceno de Sá.

psicanalista homossexual, trans ou de gênero não binário. Ao propor outra questão menos miserável ainda, a de saber qual a responsabilidade da psicanálise com a transformação em curso da epistemologia binária vigente, Preciado ouviu da tribuna risadas e insultos, entre os quais um impropério pouco sutil que não ficou sem aplausos: “Não deveríamos permitir que ele falasse, ele é Hitler” (Preciado, 2022, p. 9). A fala de Preciado foi filmada por celulares (havia cerca de 3500 psicanalistas no *Palais de Congrès*, em Paris), e seus trechos recortados foram replicados em diversas línguas nas mídias digitais. No ano seguinte, ele publica o texto integralmente, do qual diz ter lido apenas um quarto para aquela assembleia.

É possível encontrar registros simpáticos ao discurso de Preciado, e em geral fica a impressão de que o mal-estar envolto em risos nervosos parecia menos belicoso do que relatado na versão publicada. Em um deles,⁶ podemos situar o quarto de texto de *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas* (2020) entre trechos da apresentação inicial e as demais partes em que Preciado aborda a diferença sexual como epistemologia política do corpo, sua crise e as possibilidades de uma nova epistemologia. Tais pontos essenciais do texto, encarado como manifesto em vez de “conversação” (Ansermet e Meseguer, 2020), foram bem desenvolvidos na ocasião: em primeiro lugar, Preciado afirmava que a epistemologia política do corpo é histórica e mutante, de modo que o regime da diferença sexual, pressuposto pela psicanálise, não é natural nem simbólico (Preciado, 2022, pp. 49-63); em segundo, que a epistemologia binária está em crise desde os anos 1940, tanto em função dos movimentos das minorias dissidentes quanto pelos novos dados científicos que tornaram problemática a atribuição binária do sexo (Preciado, 2022, p. 65-75); em terceiro, por fim, que o abalo profundo da epistemologia binária, como espécie de nova revolução copernicana, cederá espaço a uma outra epistemologia, para a qual a questão decisiva (não só, mas também da psicanálise) será a da responsabilidade com um processo coletivo crítico e inventivo que “permita a redistribuição da soberania e o reconhecimento de outras formas de subjetividade política” (Preciado, 2022, p. 85).

A respeito dos dois momentos em que a intervenção produziu desconforto difuso, certamente a localização do simbólico é a que mais incomoda à psicanálise em perspectiva teórica. Em geral, vale como regra para o discurso psicanalítico aquilo que Judith Butler destaca, ao comentar *Antígona*, enquanto “separação da esfera idealizada do parentesco, o simbólico, da esfera do social” (Butler, 2000, p. 3) – como se outros arranjos sociais e de gênero fossem algo de intratável psicanaliticamente. François Ansermet, encarregado da mediação, mordeu a isca com a afirmação de que “o cursor do simbólico corre mais rápido do que nós”, contra-argumentando, nessa linha, que isto “não significa dizer que há uma crise do simbólico, que ‘tudo levanta acampamento’, o Pai, o Édipo etc., mas, pelo contrário, que se trata de viver nesta nova dimensão” (Ansermet e Meseguer, 2020, n.p.). “Mesmo que tudo levante acampamento!”, interrompeu Preciado para dizer que concordava, mas que Ansermet queria corrigir algo a todo custo. Ansermet logo desvia o foco da questão: para ele e para a audiência, a psicanálise seria uma prática de invenção que converge com as exigências do “manifesto” de Preciado. Nessa contemporização trivial para sujeitos sentados na norma, deve valer, de modo reverso, o “tanto pior para os fatos” de Hegel, embora os monstros ainda estejam aí a serem escrutinados, assujeitados, patologizados, conformados pelo discurso, exterminados física e epistemicamente, regulados como máquina, mesmo que seus “corpos outrora

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bSBlxJH-8no&t=32s>

monstruosos produzidos pelo regime patriarco-colonial da diferença sexual” hoje falem e produzam “saber sobre si mesmos” (Preciado, 2022, p. 85). E é aqui que também se insere o “problema” Mário de Andrade, cuja *sabença* é enquadrada no seio de uma história familiar que também pode capturar o discurso sobre sua racialidade; história dentro da qual ninguém sabe da sexualidade de ninguém. Mas também é assim que sua pansexualidade assombrosa, “quase absurda”, sua “monstruosa sensualidade” nos fala desde uma poética como linha de fuga para os “sequestros” da questão.

O segundo ponto, que incomoda menos, mas não tanto, é o *pendant* da recalcitrância a respeito da carta de Mário de Andrade. Preciado dispara francamente:

Não me digam que a instituição psicanalítica não considerou a homossexualidade um desvio em relação à norma: como explicar, de outro modo, que até muito pouco tempo atrás não houvesse psicanalistas que se identificassem publicamente como homossexuais? Pergunto: quantos se definem, hoje, aqui, nesta sala, publicamente, como psicanalistas e homossexuais?” (Preciado, 2022, p. 58)

Silêncio, novamente risos nervosos, vaias e palmas. Na versão publicada: “Vocês ficam em silêncio? Ninguém diz nada? Pânico na sala. Terror epistêmico no divã” (Preciado, 2022, p. 58). Em seguida, Preciado formula de modo cristalino a pergunta que se presta também para o episódio da carta de Mário:

Não quero forçar o desvelamento de posições subjetivas privadas, mas o reconhecimento de uma posição de enunciação política em um regime de poder heteropatriarcal colonial. Ao contrário do que pensa a psicanálise, [...] acredito que a heterossexualidade seja [...] um regime político que reduz a totalidade do corpo humano vivo e sua energia psíquica a seu potencial reprodutor, uma posição de poder discursiva e institucional. O psicanalista é epistemológica e politicamente um corpo binário e heterossexual... até que se prove o contrário. (Preciado, 2022, p. 58-59)

O pedido de Marcelo Bortoloti à CGU parece ter soado como a pergunta de Preciado aos psicanalistas lacanianos. Se aqui os risos estão preocupados em manter algo como um simbólico inalcançável em sua velocidade, a reação que lá reacendia a divisão entre o que é público e privado – amparada pela carta como se fosse prova de uma vontade (a do autor, a da família e a da instituição) – é o índice de um desentendimento da questão, que leva ao sequestro. Pois, assim como Preciado não está forçando ninguém a sair do armário (mas se sair, tanto melhor), também a revelação da carta não é um pedido para que se abram todos os arquivos com o fito de saber quem é sujeito desta ou daquela identidade sexual, como se a mera possibilidade fosse o desestabilizador das relações entre a instituição família (heteropatriarcal) e as demais instituições (inclusive a do autor), conforme ilumina a então presidenta da *Casa de Rui Barbosa*:

Deixar de expor um conteúdo a pedido do próprio dono não é censura. Estamos falando de documentos privados. A decisão de revelar ou não tem de ser da família. [...] Se não pudermos atender aos pedidos das famílias no momento da doação, para onde irão esses documentos tão importantes? Podem acabar se perdendo. (*apud* Ritto, 2015, n.p.)

Ao relativizar a sexualidade de Mário, a leitura mais refinada de Wisnik também é vítima dessa confusão, porém fisgada pelo jargão psicanalítico que mantém a instituição familiar nos arcanos do simbólico. Mas, voltando ao que diz Preciado, o que aqui se pergunta às instituições e à teoria literária é se também estão dispostas a reconhecer uma posição de enunciação política em um regime de poder heteropatriarcal colonial. E mais: se a teoria literária terá parte nisto que Preciado descreve como nova revolução copernicana após o abalo da epistemologia binária. Talvez levar a sério a sexualidade de Mário seja um caminho para decidir sobre a última questão. Sobre a primeira, vale experimentar a hipótese de que Mário esteve em uma posição de enunciação na qual seu erotismo e sua feminilidade são questões políticas primordiais.

Em carta a José Osório de Oliveira (1 ago. 1934), ele questiona: “Há no meu ser uma feminilidade essencial que me dá um poder extraordinário de adaptação. Será mesmo feminilidade, passividade, ou antes volúpia incessante, quase monstruosa?” (Andrade, 2022, p. 294) Na oscilação entre uma performance de gênero e de sexualidade, talvez tenhamos mais a aprender com o touro Ferdinando sobre Macunaíma.

Referências

ANDRADE, M. *Contos novos*. Barueri: Novo Século, 2017.

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio, Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

ANDRADE, M. *S. Paulo, 7-IV-28*. Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 07/04/1928. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Transcrição e notas de Jorge Vergara, 2021.

ANDRADE, M. *Seleção erótica de Mário de Andrade*. Org. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ANDRADE, O. *Dicionário de bolso*. São Paulo: Globo, 1990.

ANSERMET, F. e MESEGUER, O. Entrevista con Paul B. Preciado & coda. In: *Lacan Quotidien*, nº 868, segunda-feira, 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.eol.org.ar/biblioteca/lacancotidiano/LC-cero-868.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BOECKEL, C. Mário de Andrade cita ‘tão falada homossexualidade’ em carta proibida. *G1*, jun. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/06/mario-de-andrade-cita-tao-falada-homossexualidade-em-carta-proibida.html>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BORTOLOTTI, M. A carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade. *Revista Época*, jun. 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/06/exclusivo-carta-em-que-mario-de-andrade-fala-de-sua-homossexualidade.html>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83-112.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BUTLER, J. *Antigone's Claim. Kinship Between Life and Death*. New York/Chichester, West Sussex: Columbia University Press, 2000.

- CANDIDO, A. O poeta itinerante. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 4, p. 157–168, 1990. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i4, p. 157-168.
- DUARTE, P. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2022, p. 419-421. E-book Kindle.
- GREEN, J. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2019.
- MEIRELES, M. 'O sexo é impenetrável', diz José Miguel Wisnik sobre carta secreta de Mário de Andrade. *O Globo*, jul. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-sexo-impene-travel-diz-jose-miguel-wisnik-sobre-carta-secreta-de-mario-de-andrade-16669462>. Acesso em: 3 jun. 2024.
- MORAES, M. A. "*Orgulho de jamais aconselhar*": A epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico, 2002. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ORLANDI, A. P. "O erótico na obra de Mário de Andrade". In: *Pesquisa Fapesp*, ed. 322, dez. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-erotico-na-obra-de-mario-de-andrade/>. Acesso em: 03 jun. 2024.
- PASINI, L. *A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade*. 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala*: Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- RICKARD, D. *Ferdinand the bull*. Walt Disney Productions, 1938. Disponível em: https://youtu.be/9cde-Dgb_XOY?si=O8NKNSsPy1aUzhjN. Acesso em: 04 jan. 2024.
- RITTO, C. et. al. Carta de Mário de Andrade rompe 'conspiração do pudor'. *Revista Veja*, jun. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/carta-de-mario-de-andrade-rompe-conspiracao-do-pudor>. Acesso em: 03 jun. 2024.
- SALDANHA, C. *Ferdinand*, Blue Sky Studios, 2017.
- SANTIAGO, S. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. In: *Ensaaios antológicos*, São Paulo: Nova Alexandria, 2013, p. 90-91.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VERGARA, J. Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade. In: *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 98-126, 2015. DOI: <https://doi.org/10.33871/23179937.2015.3.2.889>.
- VERGARA, J. *Toda canção de liberdade vem do cárcere*: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.